UM ESTUDO DO SUJEITO E PREDICADO NO CONTO "REUNIÃO DE MÃES"

Cristiane Helena Parré Gonçalves[1]

RESUMO:

O presente trabalho aborda a relação entre o sujeito e o predicado no conto "Reunião de Mães", de Fernando Sabino, e como ocorre o funcionamento de frases e orações dentro do sistema lingüístico. Para realizar tal estudo buscamos suporte teórico na Lingüística Estrutural, além da gramática descritiva de Mário Perini, que trabalha com a língua em uso.

Palavras-chave: Descrição; Sujeito; Predicado; Funcionalidade do Sistema.

ABSTRACT:

This paper approaches the relationship between the subject and the complement of the sentence in the tale "Reunião das Mães" (Mothers' Meeting) of Fernando Sabino and how the sentences and phrases work within the linguistic system. To achieve such study we sought theoretical bases in the structural Linguistics, besides the Descriptive Grammar of Mário Perini, who works the language in use.

Keywords: Description; Subject; Complement; System function ability.

Este trabalho está situado na área da Lingüística Estrutural e tem por objetivo observar os aspectos descritivos da língua, especificamente, verificar como se dá o funcionamento da linguagem por meio dos tipos de frases e orações dentro do sistema lingüístico. Além disso, almeja-se, ainda, observar a relação sujeito e predicado, uma vez que vem acontecendo uma série de discussões em torno desses termos na oração.

Para tal essa pesquisa foi necessário realizar uma retrospectiva

1 Doutora em Lingüística. Professora na FACALE/UFGD.

histórica, buscando suporte teórico nos estudos realizados, verificando a evolução que a sintaxe portuguesa alcançou e como fica a discussão em torno do sujeito e predicado.

Assim, num trabalho feito por amostragem, o conto chamado "Reunião de Mães", de Fernando Sabino, possibilitará a observação dos aspectos descritivos apontados acima. Não há, nesse breve artigo, a pretensão de esgotar o assunto, uma vez que o mesmo é extenso e complexo, abrangendo vários aspectos descritivos da língua.

Observa-se que até o fim do século XVIII os estudos lingüísticos estavam voltados para a gramática greco-latina, que via a língua com um caráter essencialmente normativo e filosófico, havendo, portanto, uma rigidez na língua.

Assim, o estudo gramatical dessa época tinha a finalidade de facilitar a leitura dos primeiros poetas gregos que protegiam e preservavam a língua "pura" e "correta" da corrupção da língua usada quotidianamente. Essa gramática grega possuía dupla finalidade: filosófica e pedagógica.

Foi durante a Idade Média, com o Império Romano, que o latim passou a ser a língua oficial, estudado e divulgado em toda a Europa, centrando os estudos gramaticais na gramática de Donato e de Prisciano, que precederam as antigas gramáticas gregas. Desse amplo estudo surgiu um grande interesse que incluía a arte de falar corretamente e a explicação dos textos poéticos, fazendo da gramática três disciplinas do *trivium* das instituições acadêmicas medievais, ao lado da dialética e da retórica.

Com o Renascimento, surgiram as gramáticas das línguas vernáculas (ou seja, vulgares) e a teorização gramatical de inspiração filosófica. Mas somente em 1660, com a gramática de Port-Royal, que a corrente nacionalista atinge o seu ponto alto, tendo como finalidade retomar a noção de frase como unidade gramatical, surgindo daí a sintaxe psicológica.

Essa sintaxe preocupava-se com a estrutura lógica da oração, sendo utilizado o método de maneira introspectiva, em que tentava explicar as relações semânticas subjacentes aos enunciados, ou seja, sujeito, predicado, objeto e atributo.

Com o desenvolvimento dos estudos sintáticos, a sintaxe psicológica acabou dividindo-se em duas correntes: a Lógica e a Psicológica. A primeira defendia a influência do pensamento na formação, no funcionamento e na evolução da língua. A segunda tendência negava o caráter complexo da interação da linguagem e pensamento sobre a estrutura gramatical. Esse arcabouço teórico estava voltado para os conceitos e as distinções criadas

pelo sistema filosófico aristotélico, no qual toda palavra tem uma essência invariante ou subjacente que constituem a substância e a forma. Essa sintaxe utiliza mais freqüentemente o conceito de palavra, preocupando-se também com a parte externa da organização oracional. A tarefa principal da sintaxe psicológica é fornecer uma teoria da oração tão completa quanto possível, em que (Ries - apud. Bühler, T.L., 961, p. 430) *"define a oração como uma unidade mínima de fala, formada gramaticalmente, que expressa seu conteúdo em vista de sua relação com a realidade."*.

Contra esse posicionamento, alguns estudiosos ampliaram o seu leque de abordagem, originando assim, a Gramática Comparativa e a Lingüística Histórica. A primeira procura comparar entre si os elementos de línguas distintas com o intuito de reconstruir a protolíngua de que se originaram e a segunda, procura explicar a formação e a evolução das línguas.

Ao lado desse estudo evolutivo da língua, alguns estudiosos procuraram estudar a língua sob o ponto de vista sincrônico e diacrônico. É Saussure que rompe com essa visão historicista ao constituir a língua como um sistema e ao preconizar o estudo descritivo do mesmo.

De acordo com os postulados de Saussure, a dicotomia que mais frutificou para a elaboração do método estruturalista foi a dicotomia língua/fala, entendendo a língua como uma entidade coletiva e abstrata e a fala como sua realização individual e concreta.

Assim, a língua por ser coletiva, aparece como organismo supra-individual, cujas peças se dispõem em inter-relações, por isso, ela é uma estrutura ou sistema de transformações que comporta leis, conservando-se ou enriquecendo-se por seu próprio jogo de transformações, sem, contudo, desviar de suas fronteiras. Sendo dinâmica, ela é capaz de transformar-se por si mesma, possuindo o seu próprio equilíbrio. Além de tudo, ela ainda é auto-regulável, no sentido de que tem leis próprias que se conservam dentro de determinados limites.

Por ela ser uma estrutura, a língua também é uma forma, isto é, um veículo de uma substância que se organiza garantindo sua identidade e autonomia, tornando-se passível de abordagem científica como objeto de estudo. Ela atribui às unidades lingüísticas valores e funções específicos que nascem das relações sintagmáticas e paradigmáticas. As relações sintagmáticas resultam das possibilidades combinatórias de unidades que, associando-se a partir de determinados esquemas no mesmo nível segmental, constituem umas o contexto das outras. Já as relações paradigmáticas reagrupam essas mesmas unidades segundo o grau de compatibilidade. A

relação paradigmática é o complemento lógico da sintagmática, uma vez que as regras de concatenação resultam do mecanismo de substituição. Essa interdependência é a mesma que existe entre a língua (o sistema) e a fala (o processo). As relações sintagmáticas pertencem à fala quando as unidades se associam livremente no enunciado, mas pertencem também à língua caso haja alguma ordem fixa ou alguma regra de ordem obrigatória. Por outro lado, as relações paradigmáticas jogam com elementos que se associam ao sistema, nunca à fala.

A língua ainda é um produto ou entidade acabada que comportam estados de equilíbrio passíveis de análises; fazendo-se abstração da sucessão temporal, a segmentação permite dar a conhecer as propriedades estruturais da língua ou, em outras palavras, pode-se constituir uma amostra do objeto a partir da qual se faz uma análise sincrônica, sendo que o sincrônico é a língua em funcionamento e só a sintaxe é capaz de colocar o signo em atividade.

O grau de profundidade e, portanto, de solidez dos resultados obtidos varia muito de um grupo para outro de um modo geral.

Como a sintaxe estrutural procura compreender a natureza das relações sintáticas a partir da estrutura interna da oração, ela parte da dicotomia língua/fala, entendendo a língua como uma entidade coletiva e abstrata e a fala como sua realização individual e concreta. Sua maior preocupação é descobrir técnicas precisas de segmentação do enunciado, pois seu princípio fundamental é a análise e a segmentação. Essa sintaxe representa um rompimento, de certo modo, com as concepções historicistas e logicistas da gramática tradicional, uma vez que os estruturalistas acreditam que cada língua tem sua forma, sua estrutura, suas categorias, às quais não se pode chegar senão pelo estabelecimento das unidades no interior de cada sistema, e das relações opositivas entre essas unidades. (Azeredo, 1993: p. 22)

Como o objetivo dos estruturalistas era analisar, ou seja, decompor todas as partes do sistema, conhecendo o funcionamento do todo, não se preocupando com as particularidades do sistema, mas só com aquilo que realmente era relevante, o método estrutural acabou enfraquecendo a autoridade dos gramáticos que, senhores do idioma, ditavam regras de bem falar e bem escrever. Dessa maneira, os estruturalistas não construíram uma gramática, mas descobriram a gramática da língua.

Sob desse aspecto surge a sintaxe transformacional, que tem por objetivo central construir uma teoria da linguagem que seja capaz de explicar todas as facetas do comportamento lingüístico dos falantes nativos

de uma língua.

Essa sintaxe parte do princípio de que toda a frase é uma estrutura, ou seja, "que toda a frase de uma língua consiste em uma organização, uma combinação de elementos lingüísticos agrupados segundo certos princípios, que caracterizam como uma estrutura"(Koch & Souza e Silva , 2000, p. 11).

É nessa aparente diversidade que podemos observar que todas as frases possuem uma organização interna que obedece a princípios gerais bem definidos, a partir dos quais o falante será capaz de dizer:

a) Se uma palavra está de acordo com o sistema gramatical de uma língua, isto é, se essa seqüência pode ser obtida através da aplicação das regras da gramática;
b) Se ela se apresenta completa ou incompleta;
c) Se é passível de interpretação semântica (op.cit.:11).

De acordo com Perini (2001, p. 61), o termo frase é utilizado de maneira geral para designar uma unidade do discurso bastante difícil de ser definida, recorrendo, então, o autor a definição de Mattoso Câmara (1977, p. 122), que argumenta:

> A frase é uma unidade de comunicação lingüística, caracterizada [...] do ponto de vista comunicativo – por ter um propósito definido e ser suficiente para defini-lo -, e do ponto de vista fonético – por uma entonação [...] que lhe assinala nitidamente o começo e o fim.

Já a oração é uma frase que apresenta determinado tipo de estrutura interna, incluindo sempre um predicado e freqüentemente um sujeito, assim como vários outros termos.

Dentro dessa estrutura, devemos observar que existem frases não-oracionais que carecem de predicado, esses tipos de frases seriam fragmentos de uma oração, que não deixam de ter também um significado. Macambira argumenta (2001, p. 164) que "*elas se enquadram na fase pré-gramatical, irracional ou assintática"*, pois ao dizer "Fogo!" nós precisamos observar a circunstância em que foi pronunciada essa estrutura, porque ao dizermos Fogo! diante de um chefe de soldados ela será interpretada de uma maneira; e se dissermos: A casa está pegando fogo! Será vista de outro modo. Assim, de acordo com o autor citado, "*é inegável que tais orações pertencem à linguagem pré-gramatical, pois psicologicamente está correta, lingüisticamente não são orações, pelo menos em sentido restrito"*

(MACAMBIRA, 2001, p. 164).

Por outro lado, temos também o período, que se caracteriza por uma união de duas ou mais frases, observando sempre que um período é uma oração, no entanto, É possível verificar que nem toda frase é um período.

Um outro aspecto que deve ser notado na análise de um texto é sua força ilocucionária, pois sabemos que muitas vezes a estrutura de uma frase é igual, mas têm funções diferentes no discurso. Desse modo, os tipos de força ilocucionária que encontramos geralmente no discurso são as seguintes:

- Declaração
- Pergunta
- Exclamação
- Ordem
- Pedido
- Promessa
- Expressão de um desejo etc.

No entanto, é preciso verificar também que somente a força ilocucionária não é suficiente para determinar a estrutura da frase, pois muitas vezes precisamos saber qual é o contexto em que a frase foi utilizada. Assim sendo, observa-se que as orações em português podem ser distinguidas em cinco tipos: imperativas, exclamativas, interrogativas, declarativas e optativas. Cada uma delas têm as suas características, que não será alvo de discussão nessa ocasião, pois o que importa na análise em questão é a relação sujeito/predicado, que apresenta uma estrutura interna muito rica e complexa.

De acordo com Perini (op. cit. 68), a estrutura da oração se realiza de maneira hierárquica, ou seja, contém constituintes que, por sua vez, contêm outros que os constituem. Cada um desses constituintes possui uma função especial, respectivamente: “sujeito”, “predicado” e “objeto direto”, que pode exprimir dentro de uma análise funções diferentes.

Perini (op. cit. p. 71 – 72) define o sujeito como o termo da oração que está em relação de concordância com o NdP (núcleo do predicado), e, o predicado, como um verbo que desempenha na oração unicamente a função de núcleo do predicado, ou seja, essa é a única função que o verbo pode exercer e somente ele pode ser o núcleo do predicado. É possível de se observar, contudo, que o verbo é sempre o NdP(núcleo do predicado) da

oração; e o NdP (núcleo do predicado) da oração é sempre um verbo.

No entanto, é necessário ressaltar que o predicado pode ser composto de mais de um elemento, sendo que apenas um deles será o NdP (núcleo do predicado).Por isso, cada verbo tem, portanto, um conjunto de traços que especificam os complementos que exige, podendo ser recusado ou aceito livremente. É dentro desse conjunto de traços que se observa a transitividade do verbo, pois cada predicado possui um conjunto de traços de transitividade, derivado da transitividade de seu verbo. Verifica-se, então, que o predicado complexo é sempre composto por um auxiliar mais um NdP e que, dentro de um período pode haver mais de um auxiliar, posicionado sempre segundo uma ordenação rígida, ou seja, primeiro o auxiliar seguido de infinitivo, depois o auxiliar seguido de particípio e, finalmente, o auxiliar seguido de gerúndio. Ao fugir a essas regras o resultado será uma frase mal formada, desobedecendo às condições de concorrência.

Por outro lado, verifica-se também que o sujeito, embora seja o termo que concorda com o NdP (núcleo do predicado), pode não estar expresso na oração, designando assim, uma oração sem sujeito. A gramática tradicional define essa oração como sujeito oculto, mas, ao examinar detalhadamente o caso, será possível perceber que as orações sem sujeito envolvem certas noções semânticas, de tal modo, Mattoso Câmara (apud Macambira op. cit. p. 166) argumenta como *"o ponto de partida da enunciação lingüística constituída pela oração*". Já Macambira diz, no entanto, ser a mais segura, ao mesmo tempo que complexa e antididática, pois "*corresponde aos Termos Subordinados e Termos Subordinantes: é o princípio e o fim de todas as relações sintáticas*, só o termo da oração que não é sujeito, isto é, que não está subordinado a outro termo.

Como foi apontado no início deste trabalho, o procedimento metodológico adotado tem como ponto de partida a análise do conto "Reunião de Mães", de Fernando Sabino, à luz da sintaxe. Desse modo, o foco de observação será a relação sujeito e predicado, partindo de uma visão descritiva do texto apresentado.

As categorias para a análise são:

1- A força ilocucionária dentro de determinadas orações.

2- Como o texto apresenta o sujeito na oração.

Através dessas categorias analisadas, pode se verificar como foi possível descrever o processo sintático do texto.

De acordo com o Perini, todo texto apresenta uma força ilocucionária, já que, no ato de comunicação há o desejo de apresentar

determinados tipos de informações. Assim, no primeiro período desse conto nota-se, com certa ironia, como o autor apresenta a reunião de pais.

Nesse período o autor apresenta o cenário em que se desenvolverá a ação da qual participará. É perceptível, portanto, que por meio de uma declaração irônica o autor constata o que acontece na realidade: a ausência de pais (presença do sexo masculino) na reunião que a escola geralmente convoca, havendo sim, a presença maciça de mães para saber qual o rendimento escolar de seus filhos.

> Na reunião de pais só havia mães. Eu me sentia constrangido em meio a tanta mulher, por mais simpáticas me parecessem, e acabaria nem entrando – se não pudesse logo distinguir, espalhadas no auditório, duas ou três presenças masculinas que partilhariam de meu ressabiado zelo paterno. (linhas 1-4)

Dentro desse prisma, podemos observar que o texto, de um modo geral, se apresenta em forma de uma declaração, variando em alguns períodos em que há a presença de frases exclamativas e interrogativas. Nesses períodos nota-se que as mães gostariam de saber detalhes sobre o uniforme de gala a ser adotado pela escola.

> *A gravatinha era azul? perguntou uma das mães.* (linha 13)
> *Meia três-quartos? perguntou outra*. (linha 13)

No decorrer do texto o autor vai apresentando o desempenho dos alunos em sala de aula, aqueles que são adiantados, os atrasados, os relapsos, os irrequietos, os indisciplinados. Com esse relato, as mães ficam indignadas ao saber que seus filhos não estão correspondendo ao que era esperado. O autor, nesse ínterim, fica na expectativa, como é possível observar nas linhas 39 e 40, se o seu filho está entre os piores da turma;

> *... Não vai esse Padre dizer que meu filho está entre eles, pensei. Irrequieto, indisciplinado. Ah, mas ele havia de ver comigo: entre os piores!* (linhas 39-40)

Mas, sente-se aliviado ao saber que o garoto encontra-se na turma 14:

> Meu filho – perguntou, ansioso, assim que saímos:
> Em que turma você está? Na 12 ou na 13?
> Na 14 – ele respondeu aliviado.

Respirei com alívio: E nem podia ser de outra maneira, não era isso mesmo?(linhas 65,66 e 67)

Na verdade, é evidente que nenhum pai gostaria de ver o seu filho classificado como um dos piores da turma. Sabe-se, portanto, que sempre que algo é apresentado, há uma intenção, como foi o caso deste texto, em que o autor mostra claramente o que acontece em uma reunião de pais, isto é, numa reunião em que deveriam estar presentes os dois membros da família aparece somente um, pois, a presença de ambos é de suma importância para o desenvolvimento intelectual e psicológico da criança e do adolescente.

Outro fato interessante que o autor coloca é o comportamento das mães, em relação aos filhos, não admitindo que os garotos sejam indisciplinados e irrequietos, passando a mão sempre na cabeça dos filhos.

Como a intenção desse trabalho não é somente verificar a força ilocucionária do texto, porque toda vez em que falamos ou escrevemos há sempre uma intenção, ou melhor, uma força ilocucionária que se apresenta no interior do texto, é possível examinar como os pais se comportam durante uma reunião, culpando muitas vezes o próprio colégio pelo desempenho dos alunos quando os pais alegam a quantidade de dever de casa que os estudantes são obrigados a fazer, uma vez que não tem tempo para ajudá-los. É interessante observar que através de pontos, travessão, ponto de interrogação e ponto de exclamação, o autor consegue passar para o leitor a preocupação de todo o pai com o desempenho de seu filho, no entanto, procura não atribuir responsabilidades para si, sob a alegação de não poder ajudar uma vez que não sabe mais o conteúdo que está sendo ministrado em sala.

Não sendo o objetivo desse estudo esgotar o assunto sobre as forças ilocucionárias que o autor apresenta no decorrer do texto, mas verificar como o sujeito e o predicado se apresentam, chega a hora da análise sintática.

Nota-se, nesse conto, que a estrutura da oração é composta por um SN + SV + CV. Na oração: *Acabei concluindo que tanta perguntação quebrava um pouco a solene compostura que devíamos manter, como responsáveis pelo destino de nossos filhos*. *E dispensei-me de intervir, passando a ouvir a explanação do Padre-Diretor* .(linha 22)

No primeiro período o sujeito não aparece expresso, como verificado na oração acima, no entanto, ele aparece marcado pelo verbo *Acabei*. Ao observar melhor, verifica-se que o texto todo se apresenta

desse modo, ou seja, há um sujeito marcado, mas que não está explícito, prova disso, são as orações abaixo:

Invejei-lhe a desenvoltura. *Tive* vontade de perguntar também alguma coisa... (linha 17)

Chegamos ao ponto que interessa: o quinto ano. (linha 26)
Fiquei atento: em qual delas estaria o menino? (linha 31)

De acordo com Perini (1994, p. 74), a definição de sujeito pode ser vista sob vários aspectos, como: "*o termo com o qual o verbo concorda*", ou "*o elemento que pratica a ação*", ou ainda, "*o elemento sobre o qual se faz uma declaração*", no entanto, quaisquer que seja a definição de sujeito, trata-se sempre de uma estrutura complexa, uma vez que ele perpassa por uma estrutura hierárquica que forma os constituintes imediatos da oração, tendo cada um deles sua função de acordo com a seguinte ordem: sujeito, predicado, objeto direto e, dentro desse contexto, cada constituinte da oração terá um comportamento gramatical próprio, ou seja, cada um desempenhará uma função própria. O sujeito pode ser definido como o *"termo da oração que está em relação de concordância com o NdP (núcleo do predicado)* Perini (1994, p. 74). Assim, pode-se contatar que o sujeito inclui-se como critério importante a concordância verbal, juntamente com o seu complemento.

A noção de sujeito vai apresentar dificuldades nas sentenças em que o sujeito não aparece como é o caso de:

(1) - *Chegamos ao ponto que interessa: o quinto ano.* (linha 26)

Nessa proposição a classificação deve ser feita como "oração sem sujeito", uma vez que ele não aparece explícito para que o verbo possa fazer a concordância. Nesse caso, o sujeito está oculto, como a gramática tradicional postula. Contudo, a discussão depende da concepção de concordância verbal, uma vez que é o termo com o qual o verbo concorda.

De acordo com Perini (1994, p. 76), existem duas alternativas para o fenômeno da concordância verbal. A primeira alternativa *a concordância seria resultado de uma regra que modificaria a forma do verbo para harmonizá-lo aos traços "primeira pessoa" e "plural", o verbo sofreria uma transformação que lhe atribuiria a terminação específica de primeira pessoa do plural.*

Já a segunda alternativa, *a concordância não seria propriamente uma regra (transformacional), mas uma condição sobre a boa formação*

das frases: a concordância inspecionaria as estruturas, admitindo como gramaticais apenas aquelas em que se verificassem certas condições especificadas. De acordo com essa solução, *a gramática geraria livremente sujeitos e verbos em qualquer forma, e a aceitabilidade ou não seria resultado de uma operação de filtragem.*

Veja o exemplo:

(2) Nós chegamos ao ponto que interessa: o quinto ano.

Aqui não haveria problemas com a primeira alternativa, já que o verbo concorda com o sujeito, ou seja, a forma-mos se harmoniza com os traços léxicos do sujeito *nós*. Já na segunda alternativa, a aceitabilidade de (2) não procede de nenhuma mudança do verbo, isto é, ela foi gerada pelas regras da gramática, tal como poderia ter sido gerada essa frase:

(3) *eu chegamos

Desse modo, a concordância verbal inspeciona (2) e (3), e filtra (3), uma vez que as condições exigidas não se verificam; em (2) as condições estão presentes e, a frase, não é excluída pelo filtro.

De acordo com a concordância como regra ao adotarmos a primeira alternativa percebemos que a concordância se processa como uma regra de harmonização entre o verbo e o sujeito, nesse caso teríamos que admitir a presença do sujeito ("oculto") em frases como:

(1) Chegamos
(2) Nós chegamos

Isso porque, dentro dessa solução, é necessário manter a conexão entre (1) e (2).

Essa conexão evita termos somente uma posição como o aparecimento da desinência de 1ª. pessoa do plural, pois a partir de duas regras distintas teremos: uma que estabelece a concordância de chegar com *nós* em (2), produzindo a forma *chegamos*; a outra que acaba produzindo a mesma forma *chegamos* (1) a partir de outro fator que não a concordância, já que em (1) não teria sujeito. Isso nos obriga a admitir que em (1) temos um sujeito oculto, que se identifica com a forma *nós*. Essa seria a solução para a regra de harmonização sintática.

O inconveniente da primeira alternativa é, de acordo com Perini, admitir um elemento elíptico, ou seja, o sujeito oculto de (1), que possui traços autônomos de número e pessoa, traços esses que não apontam nenhum outro elemento da sentença. Dessa forma, acaba-se por postular um elemento abstrato, sintaticamente marcado, que não é a repetição. Isso se torna um problema, pois ao analisar a frase abaixo se verifica que o verbo está elíptico também, diferenciando do sujeito oculto de (1)

(1)-Chegamos ao ponto que interessa: o quinto ano.

Perini explica que a solução seria ver a concordância como um filtro de compatibilidade, no qual as estruturas seriam inspecionadas de acordo com determinadas condições. De acordo com essa análise, a gramática, em primeira instância, geraria estruturas livremente como: *nós chegamos, chegamos*, *cheguei, chegaram.* Esse tipo de estrutura apresenta a forma do verbo, em que se trata a respeito da pessoa e número, sendo gerada livremente. No entanto, embora a concordância verbal seja vista como um sistema de filtros, fazendo parte do próprio processo gerativo, nota-se que algumas estruturas serão excluídas, ou seja, não chegarão a ser geradas.

De acordo com o autor citado, o primeiro filtro é o que se refere ao filtro de terceira pessoa (F3P).

A oração é mal formada quando o verbo estiver na terceira pessoa do singular e não houver o sujeito. Esse filtro é responsável pela inaceitabilidade de

(3) chegou
(4) comeu

Esses tipos de frases seriam aceitáveis em uma situação anafórica, como no caso em questão o que interessa são as situações não-anafóricas, pode-se dizer que essas frases são inaceitáveis, uma vez que não é possível definir o sujeito da oração.

Já se tivéssemos frases como em (5) e (6) elas seriam aceitáveis, pois não estariam relacionadas com a terceira pessoa do singular:

(5) chegamos
(6) comi

O outro filtro é o da *posposição*, em que a oração será mal formada quando o sujeito estiver depois do NdP (núcleo do predicado). De acordo com esse filtro, não podemos aplicar a todos os casos, porque algumas frases passam pelo processo de aceitabilidade, como é o caso de:

(7) chegou meu pai.

Porém, teremos frases mal formadas do ponto de vista sintático quando aparecer da seguinte forma:

(8) chegamos nós
(9) falou minha tia

Para Perini (1994), este tipo de distinção está relacionado com a questão dos verbos transitivos e intransitivos.

O outro filtro que o gramático aponta é da posição dos clíticos na oração. Essa oração será mal formada quando estiver um elemento Q inicial e um clítico após o NdP(núcleo do predicado). Esse filtro se encarregará de marcar como mal formada a frase:

(10) quem viu-o?

Isso ocorre pelo fato da atração do clítico pelo elemento Q; segundo as gramáticas e também exercem atração as palavras negativas.

O filtro de tópico ocorre quando a oração é mal formada por meio de um elemento topicalizado, se este não for o primeiro constituinte de uma oração principal.

(12) os meninos que a mãe chamaram são seus filhos.

De acordo com o mecanismo de rotulação, o SN Mãe só poderá ser um objeto topicalizado, pois: (a) esse sintagma não está em relação de concordância com seu verbo, *chamaram* (b) precede o NdP (núcleo do predicado); e (c) não é um elemento Q, mas nesse caso trata-se de um objeto topicalizado que não é o primeiro constituinte da oração principal, por isso é excluído pelo Filtro de tópico.

Esse grupo de filtros acaba se tornando responsável pela exclusão de muitas frases inaceitáveis, pois são casos que violam a concordância.

Outro aspecto a ser observado é a questão do predicado que, pelo visto acima, é imprescindível dentro de uma oração, uma vez que é ele quem rege todo o período. Sabe-se, então, que o sujeito pode estar oculto, mas que o verbo sempre tem que aparecer.

Nesse texto o autor utiliza um predicado complexo, ou seja, Fernando Sabino trabalha frases com dois verbos: um auxiliar e outro principal, que são chamados por Perini de predicado complexo. Isso pode ser observado dentro das seguintes frases:

Eu *viera buscar* Pedro Domingos para levá-lo ao médico... (linha 9)

O Padre-Diretor *tomou assento* à mesa, cercado de professoras, e deu início à sessão. (linha 7-8)

Eis algo que eu jamais *soube explicar*: por que menino não gosta de verdura? (linha 56)

De acordo com Perini, cada verbo possui um conjunto de traços semânticos que especificam os complementos que ele exige, recusando ou aceitando livremente. Esse conjunto de traços relaciona-se com a transitividade do verbo. Deve ser levado em consideração também que cada predicado possui um conjunto próprio de traços de transitividade e, que, portanto, teremos somente um NdP (núcleo do predicado) na frase que será composta por um auxiliar mais um NdP (núcleo do predicado).

Dentro desse prisma, verifica-se que sempre haverá um núcleo do predicado, não importando quantos verbos uma oração possui, por outro lado, nota-se, ainda, que é imprescindível a concordância do verbo com o sujeito, pois é ele que facilitará determinarmos o sintagma nominal dentro de um período.

Portanto, de acordo com a teoria apresentada, compreende-se que todo texto, orações, fragmentos de orações, ou frases, apresentam uma força ilocucionária, pois sabemos que quando nos comunicamos queremos informar ou declarar algo a respeito de alguma coisa.

É possível perceber que o autor Fernando Sabino, ao escrever esse texto, tinha a intenção de mostrar o que ocorre em uma reunião de pais, ou melhor, de mães, uma vez que os pais são praticamente ausentes.

De tal modo, o autor apresenta, de forma irônica, a manipulação das mães em relação aos seus filhos, uma vez que as mães não admitem que seus garotos sejam indisciplinados, jogando a responsabilidade de aprendizagem de seus filhos para o próprio colégio. Na verdade, o autor, ao escrever esse texto, apresenta qual é a posição que os pais ocupam na

vida de seus filhos, ou seja, a presença masculina na educação da criança fica a desejar, passando toda a responsabilidade para as mães que se vêem muito ocupadas, não só com a educação de um garoto, mas sim com toda a família, como, por exemplo, quando uma mãe se queixa de *que tinha três filhos, faziam provas no mesmo dia, como prepará-los de uma só vez?* (op. cit.:10)

Isso pode ser verificado através da força ilocucionária que Fernando Sabino manipula, uma vez que, o autor utiliza certos recursos para apresentar a reunião.

Esses recursos podem ser vistos por meio dos sinais de pontuação que o autor utiliza para expandir o seu texto, além disso, é por meio desses sinais que é possível constatar a preocupação do narrador no desempenho de seu filho, mostrando-se aliviado somente quando o garoto comenta que está na turma 14 como podemos observar:

> - *Meu filho – perguntei ansioso, assim que saímos:*
> - *Em que turma você está? Na 12 ou na 13?*
> - *Na 14 – ele respondeu distraído.*
>
> *Respirei com alívio: E nem podia ser de outra maneira, não era mesmo? (op. cit.: 11)*

Essa preocupação só se apresenta no final do texto, pois a intenção do narrador era simplesmente buscar o filho para levá-lo ao médico, uma vez que ele, o narrador, chega ao colégio justamente na hora de uma reunião de pais e sente a curiosidade de saber como está o seu garoto. Nesse contexto, o narrador é visto como um pai ausente, ao pensar que *"desta vez cabia-me também participar antes da reunião", pois* no decorrer do texto ele se mostra incapaz de saber como está o desempenho de seu filho e a qual a turma que seu menino se encontra.

Uma das propostas desse estudo foi estudar a relação sujeito/predicado. Como se comporta o sujeito em uma oração em que o próprio sujeito não aparece. Constatou-se, então, que Perini recorre a determinados filtros para justificar a presença desse sujeito dentro de uma oração.

Nesse estudo, ou melhor, nessa pequena análise descritiva da língua, fica evidente que, para que uma oração ocorra, não é necessária a presença de um sujeito, uma vez que o verbo se encarrega de apresentar o sujeito dentro da oração, como é o caso do sujeito oculto.

Por outro lado, é necessário ressaltar que a presença do predicado é

imprescindível dentro de uma oração, uma vez que o sujeito tem que estar em concordância com o verbo. Sendo assim, o predicado se torna o elemento principal dentro de uma oração, pois é ele que rege todo o período.

Apesar de sabermos que o verbo é importante na oração, pois é ele que faz com que uma oração, seja uma oração, percebemos também que há frases em que o verbo não aparece, no entanto verificamos que essas frases também possuem uma estrutura organizacional, analisável, uma vez que os elementos que a compõem ocorrem dentro de orações, ou seja, aparecem como fragmentos de orações.

Dentro desse prisma observamos que a estrutura da oração é composta por um sintagma nominal, um sintagma verbal mais um complemento (objeto direto/objeto indireto) não fugindo da estrutura da língua portuguesa.

No entanto percebemos que muitas orações em que o sujeito não aparece explícito tem uma interpretação semântica que está ligado aos traços semânticos dos verbos e de outros elementos da frase. Assim, precisaríamos observar as regras de interpretação semântica, enfocando a regência do verbo, para achar o sujeito da oração.

REUNIÃO DE MÃES

A reunião de pais só havia mães. Eu me sentia constrangido em meio a tanta mulher, por mais simpáticas me parecessem, e acabaria nem entrando – se não pudesse logo distinguir, espalhadas no auditório, duas ou três presenças masculinas que partilhariam de meu ressabiado zelo paterno.

Sentei-me numa das últimas filas, para não causar espécie à seleta assembléia de progenitoras. Uma delas fazia tricô, e várias conversavam, já confraternizadas de outras reuniões. O Padre-Diretor tomou assento à mesa, cercado de professoras, e deu início à sessão.

Eu viera buscar Pedro Domingos para levá-lo ao médico, mas desta vez cabia-me também participar antes da reunião. Afinal de contas andava mesmo precisando verificar pessoalmente a quantas o menino andava.

O Padre-Diretor fazia considerações gerais sobre o uniforme de gala a ser adotado. – A gravatinha é azul? – perguntou uma das mães. – meia três-quartos? – perguntou outra. – E o emblema no bolsinho? –

perguntou uma terceira. Outra ainda, à minha frente, quis saber se tinha pesponto – mas sua pergunta não chegou a ser ouvida.

Invejei-lhe a desenvoltura. Tive vontade de perguntar também alguma coisa, para tornar mais efetivo meu interesse de pai – mas temi aquelas mães todas voltando a cabeça curiosas e surpreendidas, antes uma destoante voz de homem, meio gaguejante talvez de insegurança. Poderia também não ser ouvido – e se isso me acontecesse eu sumiria na cadeira. Além do mais, não me ocorria nada de mais prático para perguntar senão o que vinha a ser pesponto.

Acabei concluindo que tanta perguntação quebrava um pouco a solene compostura que devíamos manter, como responsáveis pelo destino de nossos filhos. E dispensei-me de intervir, passando a ouvir a explanação do Padre-Diretor:

- Chegamos agora ao ponto que interessa: o quinto ano. Depois de cuidadosa seleção, foi divulgado em três turmas - a turma 14, dos mais adiantados; a turma 13, dos regulares; e a turma 12, dos atrasados, relapsos, irrequietos, indisciplinados. Os da 13 já não são lá essas coisas, mas os da 12 posso assegurar que dificilmente irão para a frente, não querem nada com o estudo.

Fiquei atento: em qual delas estaria o menino? Pensei que o Diretor ia ler a lista de cada turma – o meu certamente na 14. Não leu, talvez por consideração para com as mães que tinham filhos na 12. Várias, que já sabiam disso, puseram-se a falar ao mesmo tempo: não era culpa deles; levavam muito dever para casa, não se habituavam com o semi-internato. Uma – a do tricô, se não me engano – chegou mesmo a se queixar do ensino dirigido, que a seu ver não estava dando resultado. Outra disse que tinha três filhos, faziam provas no mesmo dia, como prepará-los de uma só vez? O Padre-Diretor sacudiu a cabeça, sorrindo com simpatia – não posso nem ao menos lastimar que a senhora tenha tanto filho. E voltou a falar nos relapsos, um caso muito sério. Não vai esse Padre dizer que meu filho está entre eles, pensei. Irrequieto, indisciplinado. Ah, mas ele havia de ver comigo: entre os piores!

E por que não? Quietinho, muito bem mandado, filhinho do papai, Maria-vai-com-as-outras ele não era mesmo não. Desafie o auditório, acendendo um cigarro: ninguém tinha nada com isso. Criança ainda, na idade mesmo de brincar e não levar as coisas tão a sério. O curioso é que não me parecesse assim tão vadio – jogava futebol na rua, assistia à televisão, brincava de bandido, mas na hora de estudar o rapazinho

estudava, então eu não via? Quem sabe se procurasse ajudá-lo, dar uma mãozinha... Mas essas coisas que ele andava estudando eu já não sabia de cor, tinha de aprender tudo de novo. Outro dia, por exemplo, me embatucou perguntando se eu sabia como se chamam os que nascem na Nova Guiné. Ninguém sabe isso, meu filho, respondi gravemente. Ah, não sabe? Pois ele sabia: guinéu! Não acreditei, fui olhar no dicionário para ver se era mesmo. Ela. Talvez estivesse na turma 13, bem que sabia lá uma coisa ou outra, o danadinho.

Agora o Diretor falava na comida que serviam ao almoço. Da melhor qualidade, mas havia um problema – os meninos se recusavam a comer verdura, ele fazia questão que comessem, para manter dieta adequada. No entanto, algumas mães não colaboravam. Mandavam bilhetinhos pedindo que não dessem verdura aos filhos.

Eis algo que eu jamais soube explicar; por que menino não gosta de verdura? Quando menino eu também não gostava.

- Pedem às mães que mandem bilhetinhos, e não é só isso: usam qualquer recurso para não comer verdura. Hoje mesmo me apareceu um com um bilhete da mãe dizendo: não obrigar meu filho a comer verdura. Só que estava escrito com a letra do próprio menino.

Chegada era a hora de levá-lo ao medico – uma professora amiga foi buscá-lo para mim.

-Meu filho – perguntei, ansioso, assim que saímos:

-Em que turma você está? Na 12 ou na 13?

Na 14 – ele respondeu distraído.

Respirei com alívio: E nem podia ser de outra maneira, não era isso mesmo?

Fico satisfeito de saber – comentei apenas.

Ele não perdeu tempo:

Então eu queria pedir um favor – aproveitou-se logo: - Que você mandasse ao Padre-Diretor um bilhete dizendo que eu não posso comer verdura.

(Fernando Sabino.
In: História de Professores e Alunos,
São Paulo, 2001, p.9-11).

REFERÊNCIAS

AZEREDO, J.C de. *Iniciação à Sintaxe do Português.* 2ª. ed., Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1993.

BORBA, Francisco da S. *Teoria Sintática*. São Paulo, EDUSP, 1979

CÂMARA, J. Mattoso. *Princípios de Lingüística Geral.* 7ª. ed., Rio de Janeiro, Padrão, 1989.

_____. *Problemas de Lingüística Descritiva.* 18ª. ed., Rio de Janeiro, Vozes, 2000.

_____. *Estrutura da Língua Portuguesa.* 33ª. ed., Rio de Janeiro, 2001.

KOCH, IGV & SILVA, M.C.P.de S. *Lingüística Aplicada ao Português: Sintaxe.* 9ª.ed., São Paulo, Cortez 2000)

LOPES, Edward. *Fundamentos da Lingüística Contemporânea.* 14ª.ed., São Paulo, Cultrix, 1995.

MACAMBIRA, José R. *Português Instrumental.* 4ª. ed., São Paulo Pioneira, 1998.

_____. *A Estrutura Morfo-Sintática do Português.* São Paulo, Pioneira, 2001.

PERINI, Mário A. *Sintaxe Portuguesa Metodologia e Funções.* 2ª. ed., São Paulo, Ática, 1994.

_____. Gramática Descritiva do Português. 4ª. ed., São Paulo, Ática, 2001.

SABINO, Fernando. *Histórias de Professores e Alunos. Contos e Crônicas.* 5ª. ed.,São Paulo, 2001.